

OS INTELECTUAIS NA OBRA DE GUSTAVO BARROSO

ENTRE A AGÊNCIA E A TRAGÉDIA (1930-1937)

João Marcos Cilli de Araujo

(Universidade Estadual de Campinas)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES
João Marcos Cilli de Araujo é mestre em Letras: Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e doutorando junto ao Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), pesquisa esta financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ). E-mail: jmcillidearaujo@gmail.com

RESUMO	ABSTRACT
Este trabalho tem por objetivo fornecer uma breve investigação a respeito da figura do intelectual nas obras de Gustavo Barroso (1888-1959) produzidas entre 1930, quando Vargas chega ao poder, e 1937, ano em que se estabelece o Estado Novo e se coloca o Integralismo, do qual Barroso era destacado militante, na ilegalidade. Para tanto, realiza-se uma investigação a respeito do que caracterizaria o intelectual e a <i>intelligentsia</i> na modernidade capitalista, bem como de que maneira este campo teria se configurado no Brasil do século XX. Ademais, realiza-se uma análise de textos barrosianos que passa por um <i>corpus</i> variado e que compreende ficção, doutrina e publicação jornalística, a fim de explorar a caracterização que Barroso faz dos intelectuais, conferindo-lhes feições prometeicas e, ao mesmo tempo, nuances trágicas. Em termos teóricos, a análise ancora-se nas contribuições de Alvaro Bianchi e José Luís Beired - intérpretes da tradição materialista de Marx, Engels e Gramsci - além de Lukács e sua categoria da totalidade; ademais, já em termos mais próximos aos propostos pela sociologia de Pierre Bourdieu, busca-se referência nos estudos de Sergio Miceli.	This paper aims to provide a brief investigation regarding the intellectual figure in the works of Gustavo Barroso (1888-1959) produced between 1930, when Vargas came to power, and 1937, the year in which the Estado Novo (New State) was established, putting Integralism, of which Barroso was a prominent militant, into illegality. For this purpose, an inquiry is conducted into what would characterize the intellectual and the <i>intelligentsia</i> in capitalist modernity, as well as how this field was configured in 20th-century Brazil. Furthermore, an analysis of Barroso's texts is carried out, encompassing a varied <i>corpus</i> including fiction, doctrine, and journalistic publications, aiming to explore the characterization that Barroso gives to intellectuals, endowing them with Promethean features and, at the same time, tragic nuances. Theoretical analysis is anchored in the contributions of Alvaro Bianchi and José Luís Beired - interpreters of the materialist tradition of Marx, Engels, and Gramsci - as well as Lukács and his category of totality. Additionally, closer to the propositions of Pierre Bourdieu's sociology, reference is sought in the studies of Sergio Miceli.

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Gustavo Barroso; intelectuais; Integralismo	Gustavo Barroso; intellectuals; Integralism

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo realizar uma análise da trajetória e dos escritos produzidos por Gustavo Barroso (1888-1959) entre os anos de 1930 e 1937, isso é, a partir da chegada de Vargas ao poder até a formação do Estado Novo, a fim de caracterizar o seu espaço no campo intelectual da época e, ademais, entender qual o papel reservado à *intelligentsia* em sua obra, discutindo como ela faria parte da feitura da sociedade. Para tanto, pretende-se a análise de um *corpus* diverso, que passa pelo semanário ilustrado *Fon-Fon*, pela ficção - com destaque para o volume de contos *O bracelete de safiras*, de 1931 - e, também, pela produção doutrinária do cearense a respeito do integralismo. O autor, é importante ressaltar, foi destacado militante do movimento fundado por Plínio Salgado, juntando-se às suas fileiras em 1933, apenas um ano após sua fundação. Nele ocupou diversos cargos, como o de Secretário Nacional de Educação e o de comandante-geral das milícias, acalentando tornar-se chefe máximo da Ação Integralista Brasileira (AIB), o que nunca ocorreu¹.

Embora tenha sido uma figura de certo relevo ao seu tempo, publicando pelas principais editoras do país e possuindo contatos e influência em periódicos de vulto, além de ocupar uma série de cargos de expressão, Gustavo Barroso é, hoje, um nome menor no âmbito da História Literária brasileira. Assim, são necessárias algumas palavras a fim de que se tenha noção do papel ocupado por ele ao longo da Era Vargas. Nascido na capital cearense e membro de uma família tradicional, o autor iniciou seus estudos jurídicos em 1907, na ainda jovem Faculdade de Direito de Fortaleza. A conclusão do curso, contudo, se deu no Rio de Janeiro, cidade para a qual se mudou em 1910 e em que construiria sua trajetória intelectual. Embora tenha sido eleito para o cargo de Deputado Federal em 1915, quando muito moço, sua carreira na política eleitoral revelar-se-ia curta, circunscrevendo-se apenas a esse primeiro e único mandato. No mundo das letras e da política cultural, não obstante, sua atuação seria profícua: em 1912 publicaria seu primeiro livro, *Terra de sol*; em 1916 se tornaria diretor da já mencionada *Fon-Fon*; fundaria, em 1922, o Museu Histórico Nacional (MHN), tornando-se seu primeiro diretor (cargo que, com exceção de um breve interstício após a Revolução de 1930, ocuparia até o final da vida)²; e, ainda com

¹ Existe um vasto e variado *corpus* a respeito do Gustavo Barroso integralista, que passa por trabalhos como o de Rago Filho, *A crítica romântica à miséria brasileira: o integralismo de Gustavo Barroso* (Rago Filho, 1989), Cytrynowicz, *Integralismo e anti-semitismo nos textos de Gustavo Barroso na década de 30* (Cytrynowicz, 1992), Dantas, *Gustavo Barroso, o führer brasileiro: nação e identidade no discurso integralista barrosiano de 1933-1937* (Dantas, 2014) e Lima, *Em Guarda Contra as Altas Finanças: o Pensamento de Gottfried Feder e Gustavo Barroso em Perspectiva Comparada (1919-1939)* (Lima, 2017).

² No que diz respeito à atuação do autor junto à instituição, há, entre outros, trabalhos como os de Magalhães, *A Inspetoria de Monumentos Nacionais do Museu Histórico Nacional e a proteção de monumentos em Ouro Preto (1934-1937)* e *Troféus da Guerra perdida: Um estudo histórico sobre a escrita de si de Gustavo Barros* (Magalhães, 2017 e

meros 35 anos, chegaria, em 1923, à Academia Brasileira de Letras, a qual presidiria em três ocasiões (1931, 1932 e 1950). No que tange ao integralismo, cabe dizer que Barroso, com a finalidade de divulgar sua doutrina, percorreria uma série de cidades dos mais diversos rincões do Brasil. Muitas dessas conferências dariam origem a livros, de modo que a produção doutrinária de Barroso revela-se vasta e passa por editoras como a Civilização Brasileira e a José Olympio.

No entanto, a AIB seria posta na ilegalidade em 1937 e, no ano seguinte, articularia um golpe a fim de depor Vargas. A intentona revelar-se-ia frustrada e muitas das lideranças integralistas chegariam a amargar certo período no cárcere, como é o caso do cearense (por falta de provas, contudo, ele seria excluído do processo judicial a respeito do levante)³. Optou-se, portanto, pelo ano de 1937 como marco final do período aqui investigado, muito embora Barroso tenha continuado a produzir intelectualmente até a segunda metade da década de 1950.

O percurso que se propõe neste estudo é dividido em algumas etapas. Na primeira delas, busca-se uma reflexão a respeito do que poderia ser entendido como intelectual, a partir de estudos de autores como Alvaro Bianchi e José Luís Beired, apoiados na tradição materialista de Marx, Engels e Gramsci. Em um segundo momento, pretende-se fornecer uma visão mais ampla a respeito dos intelectuais e seu papel ao longo da Primeira República e da Era Vargas, tarefa para a qual se buscou referência nos estudos de Sergio Miceli, obras seminais a respeito do assunto quando se trata de Brasil. É na terceira etapa que se entra mais a fundo na obra barrosiana, de modo que se busca uma análise de textos por ele publicados na revista *Fon-Fon*, bem como sua ficção e, principalmente, obras de doutrina integralista, de modo a determinar qual o papel que Barroso reserva aos intelectuais em seu *corpus*.

Feito o panorama do que aqui se pretende explorar, fazem-se necessárias algumas considerações relativas ao método empregado na pesquisa. Em verve lukácsiana, este trabalho possui como ponto de partida a categoria da totalidade (Lukács, 2003), que, no entender de Löwy (1998), traz consigo algumas implicações metodológicas, a saber: a ideologia política e estética de um autor só pode ser compreendida em suas relações com o conjunto global de seu pensamento, o qual se insere em uma visão de mundo responsável por conferir-lhe estrutura significativa; teorias, visões de mundo e ideologias devem ser encaradas como inseridas em uma totalidade histórica concreta, possuindo, assim, “ligações dialéticas com as relações de produção, o processo de luta de classes, os

2009) e Silva, *A ação educacional e o legado cultural de Gustavo Barroso para a moderna museologia brasileira* (Silva, 201).

³Os dados biográficos aqui apresentados foram extraídos do verbete a respeito de Barroso publicado no *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-1930* e escrito por Amélia Coutinho (Coutinho, 2001).

conflitos políticos e as outras correntes ideológicas” (Löwy, 1998, p. 19); os acontecimentos históricos, quando compreendidos dialeticamente, constituem-se como parte da unidade do processo histórico; a relação da obra com a totalidade histórica, sócio-econômica e político-social ilumina interiormente sua estrutura significativa, permitindo compreender sua gênese; por fim, há a constituição de uma perspectiva que se afasta da compartimentalização tradicional das disciplinas acadêmicas. São esses os motes que orientam a investigação que aqui se propõe a respeito de Gustavo Barroso.

1 INTELLECTUAIS E *INTELLIGENTSIA*: CAPITALISMO, POLÍTICA E DIVISÃO DO TRABALHO

A princípio, faz-se importante uma discussão preliminar a respeito do vocábulo *intelectual*. Alvaro Bianchi lembra que ele, enquanto adjetivo, precede em muito o substantivo. Se há milênios ter-se-ia a existência de funções intelectuais e a divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual, o substantivo *intelectual* emergiria com a autoconsciência de uma função social que passaria a se destacar na esteira da dupla revolução, aquela por meio da qual, a partir da Europa Ocidental, conformar-se-ia o capitalismo contemporâneo. Como lembram Marx e Engels, invocados pelo autor, o processo de produção e reprodução da vida social observável no capitalismo teria criado as condições de possibilidade para a autonomia do pensamento e da libertação imaginária de seu sujeito. Em outras palavras, a divisão do trabalho só se revelaria efetivamente como tal com a separação entre trabalho material e intelectual, momento a partir do qual a consciência poderia “imaginar que é algo mais do que a consciência prática existente, que ela representa *realmente* a formação da ‘pura’ teoria, teologia, filosofia, moral, etc.” (Marx; Engels apud Bianchi, 2013, *n.p.*).

Assim sendo, o conceito de intelectual teria surgido de maneira tardia na história das ideias, de modo que suas primeiras aparições remeteriam à Rússia e à Polônia do século XIX, com o vocábulo *intelligentsia/intelligencja* compondo uma literatura histórico-política que começava a ser difundida por nomes como Vissarion Bielínski (1811-1848). Contudo, o termo teria sentido diverso nos dois países. No Império dos Czares, *intelligentsia* faria referência a um grupo social apartado das instituições oficiais, crítico ao sistema e defensor de reformas de cunho social e político - e, como ressalta o autor, é justamente no desenvolvimento de tal grupo social que se encontraria a origem do populismo russo e de diferentes correntes vinculadas ao marxismo eslavo. Em terras polonesas, por sua vez, o conceito de *intelligencja* estaria mais associado ao sistema escolar da Universidade da Cracóvia e a servidores públicos, militares e advogados que teriam se formado no bojo da modernização do Estado - sujeitos que, posteriormente,

comporiam um forte movimento pela independência nacional (justamente perante os russos). Assim, se “a *intelligentsia* russa nasceu em uma posição externa às instituições políticas a *intelligencja* polonesa formou-se, primeiramente, no interior dessas instituições” (Bianchi, 2013, n.p.). Não obstante, em ambos os casos se observaria uma *Weltanschauung* nascida de uma preocupação com os problemas sociais e políticos de seus países e de uma reflexão filosófica, com as duas dimensões estando articuladas (Bianchi, 2013, n.p.).

Beired apresenta percurso semelhante, que ele assim sintetiza: de origem relativamente recente, o termo intelectual, derivado de *intelligentsia*, definiria um grupo social composto por sujeitos que “começaram a ter autoconsciência enquanto categoria social específica, e os integrantes se identificavam entre si por acreditarem que personificavam a consciência da própria Rússia” (Beired, 1998, p. 123).

Ademais, o autor recorda o chamado *Affaire Dreyfus*, importante evento na configuração dos intelectuais na Europa Ocidental em que se tornou famoso o denominado *Manifesto dos Intelectuais*. O texto, publicado em defesa do militar judeu acusado de traição, foi assinado por figuras de vulto na vida cultural francesa, como Émile Zola, Marcel Proust e Anatole France. Foi justamente na grande repercussão do manifesto que se teve a consagração do termo *intelectual*, adquirindo foros de cidadania no mundo inteiro. Como afirma o autor, “percebe-se que a própria palavra ‘intelectual’, a sua origem, seu desenvolvimento e consagração estão muito vinculados à tomada de posições políticas” (Beired, 1998, p. 123-124).

Se Bianchi baseia sua leitura nos escritos marxianos, Beired propõe-se a discutir a figura do intelectual na obra de um dos autores marxistas de maior expressão da história, o italiano Antonio Gramsci (1881-1937). O professor da Universidade Estadual Paulista acredita que, na teoria gramsciana, os intelectuais se manifestariam como categoria social de conservação e de transformação da ordem vigente. Na contramão das teses difundidas pela II Internacional, o autor italiano conferiria maior importância à cultura, à ideologia, à política e à religião, entendidas como dimensões fundamentais do processo histórico. Assim, valorizaria os agentes sociais responsáveis por atividades de natureza intelectual, como o professor, o militante político e o artista. Também haveria uma atenção especial para aquela que o italiano consideraria uma nova camada de intelectuais, “formada pelos técnicos da indústria moderna, que traduzia tecnicamente as necessidades da burguesia industrial ascendente” (Beired, 1998, p. 122).

Importante destacar que, em suas reflexões sobre os intelectuais, o pensador comunista se apartaria da concepção que os entende autônomos e independentes, sem vínculos com as classes sociais; ademais, romperia com certa lógica que “define o intelectual com base naquilo que é intrínseco aos ofícios tidos como intelectuais em

contraposição àqueles de natureza manual” (Beired, 1998, p. 124). Em vez disso, o intelectual seria um agente socialmente determinado, compreendido a partir das ações em que são desempenhadas as atividades intelectivas, analisadas no conjunto das classes sociais em que são desenvolvidas. Desse modo, os intelectuais poderiam ser distinguidos a partir das funções desempenhadas nos processos de reprodução e de transformação da ordem social, funções essas que seriam relativas à organização da sociedade. Percebe-se, pois, uma valorização da função organizativa, com a atividade intelectual relacionando-se a aspectos organizacionais da cultura e de outras esferas da vida social. Trata-se de uma função que colocaria os intelectuais na posição de “uma categoria social que constitui uma elite, embora esta não seja tão unitária, mas dividida segundo a relação dos intelectuais com as classes sociais” (Beired, 1998, p. 124-125). Em síntese, poder-se-ia dizer que a análise do italiano se ateria à demonstração do papel da *intelligentsia* na organização da cultura e das pessoas, articulando Estado e corpo social. Nesse processo, enquanto construtor de ideologia, o intelectual conferiria “consciência e homogeneidade às classes que representa” (Beired, 1998, p. 127).

Como é possível perceber, a formação da figura do intelectual passa pelas transformações relativas à consolidação do modo de produção capitalista. É nesse sentido que Bianchi lembra que a reestruturação social e política que teria sido engendrada pelo desenvolvimento do capitalismo teria permitido a conformação das ideias e das notícias como mercadorias, tendo seu suporte material nos jornais, panfletos e livros (Bianchi, 2013). O processo também é invocado por Beired e sua análise gramsciana: com o capitalismo, teria ocorrido uma transição de um trabalho intelectual de tipo tradicional - marcado pelo diletantismo e pelo credo de sua autonomia frente a outros grupos sociais - para um de tipo moderno, o intelectual orgânico, capaz de articular determinada especialidade profissional com o desenvolvimento de uma ação política e cultural de natureza hegemônica. Assim, seriam “os responsáveis pelo nexos teoria-prática, pelo encontro entre elites e povo, em suma, pela criação da vontade nacional-popular” (Beired, 1998, p. 128).

Além disso, na concepção gramsciana, os intelectuais integrariam uma categoria social responsável por estratégias de dominação simbólica em diferentes esferas, como a política, a religiosa e a educacional; assim, seriam elementos centrais na reprodução de qualquer sistema social. Percebe-se, pois, uma divisão social do trabalho de dominação política e simbólica, levando à especialização das funções intelectuais sob o capitalismo (Beired, 1998, p. 129). Na próxima seção, busca-se entender como esse processo de dominação simbólica constitui-se em terras brasileiras e como se dava seu funcionamento à época de Gustavo Barroso.

2 MICELI E OS INTELLECTUAIS À BRASILEIRA: O TEMPO DE GUSTAVO BARROSO

Embora parta de pressupostos teóricos distintos, mais associados ao pensamento de Pierre Bourdieu (1930-2002)⁴, Miceli⁵ oferece uma importante visão a respeito da constituição do campo intelectual no Brasil - e que, não raro, coincide com o diagnóstico apresentado nos parágrafos anteriores⁶. Muitos dos autores que tiveram sua estreia na República Velha (1889-1930), por ele chamados *anatolianos*⁷ - como é o caso de Gustavo Barroso, objeto deste estudo - revelariam uma espécie de “reconversão dos filhos de

⁴ Contudo, como notam Bastos e Botelho, seria um contrassenso teórico colocar a obra de Miceli como devedora apenas da sociologia do autor francês. Segundo a análise da dupla, o autor “indica claramente que incorpora a perspectiva histórico-comparada no plano da concepção e da construção teórica do objeto” (Bastos; Botelho, 2010, p. 896). Sobre a recepção de Bourdieu no Brasil tem-se o escrito *Contemporâneo Clássico: a recepção de Pierre Bourdieu no Brasil*, de José Henrique Bortoluci, Luiz C. Jackson e Fernando A. Pinheiro Filho. Os autores acreditam que a penetração do francês entre os intelectuais brasileiros se deu pelas margens, já que a Universidade São Paulo (USP), o principal núcleo de pesquisa sociológica do Brasil na década de 1970, revelava-se refratária a aportes teóricos não alinhados ao marxismo. Miceli é apontado como sendo, provavelmente, o principal mediador do processo de aclimação de Bourdieu no Brasil, sendo seu relativamente tardio ingresso como professor da USP (1989) um índice da mencionada resistência presente nessa universidade (Bortoluci et al, 2015, pp. 226-227). Aspectos do trabalho do sociólogo francês receberam pesadas críticas da academia brasileira, principalmente seu *Sobre as artimanhas da razão imperialista*, escrito com Wacquant, obra que desconsideraria “as especificidades e nuances do debate brasileiro sobre a questão racial, assim como a crítica nacional contínua sobre a importação de categorias” (Bortoluci et al, 2015, p. 242).

⁵ Trata-se de um trabalho realizado originalmente na década de 1970 e que tem suas limitações. Como notam Bastos e Botelho, há certa ironia na obra de Miceli: o próprio autor parece reconhecer que as instituições dependem dos produtos do trabalho dos intelectuais, ao mesmo tempo em que não se ocupa desse trabalho em sua obra. Nessa não incorporação dos escritos dos intelectuais à análise sociológica, com a exceção das narrativas de cunho biográfico e memorialístico, estaria “o principal limite heurístico da proposta de Sergio Miceli” (Bastos; Botelho, 2010, p. 911). Assim, a dupla de autores julga ser necessário “voltar, principalmente no caso brasileiro, às (não por acaso assim chamadas) ‘interpretações do Brasil’, uma vez que elas também operam na orientação das condutas dos atores sociais, na organização da vida social, nos processos de mudança e nas relações de poder que isso sempre implica” (Bastos; Botelho, 2010, p. 914). Na investigação que se propõe neste artigo, busca-se uma aproximação da produção intelectual de Barroso e como ela exprime, num certo sentido, uma interpretação de Brasil na qual os intelectuais teriam papel fundamental.

⁶ Essa coincidência não muda o fato de que Miceli tenta explicitamente se desvincular de uma abordagem materialista, propondo uma “sociologia classista dos intelectuais” em que a categoria “classe social” não é tomada em sua acepção marxista. Ademais, o foco do autor, sua prioridade metodológica, encontrar-se-ia na biografia, não no processo social (Bastos; Botelho, 2010, p. 908).

⁷ Polígrafos situados entre o desaparecimento da chamada geração de 1870 (fim esse que Miceli estabelece entre 1908 e 1910, os anos em que faleceram Machado de Assis e Joaquim Nabuco) e a ascensão do modernismo de 1922. Trata-se de um grupo que, em parte, seria referido pela historiografia literária tradicional como *pré-modernista*, assim entendidos aqueles letrados que estariam excluídos da linhagem estética entronizada pela geração de 1922, de modo que se encontrariam “privados do aparato de celebração com que hoje se cultua o panteão modernista, cujo legado subsiste como a fonte máxima de autoridade estética” (Miceli, 2001, p. 16). O uso do termo prefixado se revelaria uma espécie de recurso político dos autores associados ao modernismo, a fim de datar a produção literária e cultural desse grupo. Não obstante, “em vez de ser uma fase de estagnação da atividade literária”, o que se teria nesse período seria o desenvolvimento das “condições sociais favoráveis à profissionalização do trabalho intelectual, sobretudo em sua forma literária, e à constituição de um campo intelectual relativamente autônomo, em consequência das exigências postas pela diferenciação e sofisticação do trabalho de dominação” (Miceli, 2001, p. 16). Mais especificamente no caso de Barroso, Gonçalves entende que o cearense, muito embora conseguisse se movimentar com desenvoltura entre as elites letradas do início do século XX, não teria conseguido transformar “esse capital e prestígio em cânone, refutado que foi pelo filtro moderno e, em sua esteira, pré-moderno” (Gonçalves, 2013, p. 276). Assim, até mesmo o *status* menor de autor *pré-modernista* lhe teria sido negado. Continua Gonçalves: “Barroso, ao mesmo tempo que representa [o pré-modernismo], também se afasta do Pré-modernismo brasileiro a um só tempo, não se ajustando ao cânone orgânico colocado em evidência pelos modernistas brasileiros, e nem ao elemento conflituante que serviria de contraponto ao aquecimento do período” (Gonçalves, 2013, p. 276).

‘parentes pobres’ que se encaminhariam para as carreiras intelectuais” (Miceli, 2001, p. 53). Trata-se de uma estratégia que teria coincidido com o desenvolvimento de burocracias intelectuais, como a grande imprensa, as instituições política e as organizações partidárias, cujos postos eram ocupados por eles não em razão de seus títulos e diplomas, mas, sim, pelo “capital de relações sociais que lograram mobilizar” (Miceli, 2001, p. 53). Revelam-se, assim, produto de uma diversificação nos papéis envolvidos no trabalho de dominação, prefigurando uma nova espécie de intelectuais profissionais, sejam assalariados ou pequenos produtores independentes. São sujeitos que vivem de rendimentos que lhes propiciam as diversas modalidades de sua produção, desde a “assessoria jurídica, as conferências, passando pelas colaborações na imprensa, até a participação nos acontecimentos mundanos e nas campanhas de mobilização em favor do serviço militar, da alfabetização, do ensino primário” (Miceli, 2001, p. 54). Note-se, contudo, que seu *status* subordinado não se refere apenas à sua posição frente às oligarquias e seus parentes de maior poder. Encontram-se, na verdade, em uma posição de dupla dependência. Isso porque, do ponto de vista do lugar por eles ocupado no sistema de relações intelectuais internacionais, os anatolianos se situariam, novamente, em um campo dominado, fadados à importação de sistemas de pensamento aptos a legitimar a posição interna ocupada por esses intelectuais (Miceli, 2001, p. 59).

Analisando mais especificamente o período entre 1920 e 1945, o autor defende que o desenvolvimento das instituições culturais, das organizações políticas e da própria máquina burocrática traduziria transformações que atingiram as relações entre os diferentes grupos dirigentes - com esses se empenhando pela preservação e ampliação de sua presença nas instituições políticas -, além de apontar para demandas relativas aos bens culturais e seu mercado que, à época, consolidava-se - o que se traduziria numa transformação indissociável “da situação material e social das famílias da classe dirigente onde eram recrutadas as diversas categorias de intelectuais” (Miceli, 1979, p. XVI). Barroso, cuja atuação se deu de maneira acentuada no período analisado pelo autor, foi um dos atores desse processo, seja no desenvolvimento de instituições culturais - notoriamente seu papel na criação e na direção do Museu Histórico Nacional, mas, também, sua presidência na Academia Brasileira de Letras e sua participação em diversas outras agremiações intelectuais, como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro -, das organizações políticas - o exemplo óbvio é a Ação Integralista Brasileira (AIB) - e da máquina burocrática - aqui vale ressaltar sua participação em uma série de missões internacionais como representante do Estado brasileiro, como, por exemplo, na Conferência de Paz de Versalhes (1919) -; ademais, concomitantemente e indissociavelmente, participou ativamente na edição de periódicos, como a *Fon-Fon*, além de influir em importantes editoras e publicar uma miríade de volumes por elas. Assim,

não seria nada espantoso situar o cearense como uma das figuras mais interessantes no processo de consolidação do mercado de bens culturais que aponta Miceli. Além disso, o próprio autor em questão tenta criar a imagem de que seria um pobre homem de letras marginalizado, isso é, “bicho sempre arredado de tudo pelos políticos do Brasil” (Barroso, 1934, p. 120) - se, por um lado, tal retrato contraria sua própria trajetória, marcada pela ocupação de uma série de cargos políticos, seja pela via eletiva (fora deputado), seja por indicações (como sua atuação no secretariado do governo cearense, então sob o comando de seu primo), também não deixa de ser verdade o fato de que o grosso da atuação pública barrosiana se deu em órgãos e entidades mais associadas à cultura.

Mais especificamente no que se refere ao surgimento da AIB (o que se dá em 1932), Miceli aponta que o decênio final da chamada República Velha teria sido marcado por uma profunda crise em que o poder oligárquico se empenhava no enfrentamento de insurreições contestadoras da legitimidade do regime e de movimentos reivindicativos dos trabalhadores. Se, em 1930, a oligarquia paulista seria derrotada pelas dissidências oligárquicas mineira e gaúcha, aliadas a militares e a outros grupos dominantes regionais, os conflitos políticos e ideológicos do início da década que começava teriam tido “como pano de fundo as tentativas de reunificação e de reação a que se lançaram os antigos grupos dirigentes” (Miceli, 1979, p. XVII). Para Miceli, é justamente nas tentativas promovidas pela oligarquia de recuperar o poder central que se identificariam as raízes de uma variedade de iniciativas culturais e de aspecto “regional e do surto de organizações ‘radicais’ de direita a que se filiariam diversos jovens políticos e intelectuais desejosos de escapar por esta via ao destino de seus antigos patrões da oligarquia” (Miceli, 1979, p. XVII). Desse modo, a criação da AIB seria indissociável das ameaças representadas pela ascendente intervenção estatal “em domínios de atividade cuja gestão fora até então reservada exclusivamente aos elementos políticos e intelectuais designados pelos grupos dirigentes do antigo regime” (Miceli, 1979, p. XVII). Com atuação a nível nacional - o que não era comum para as organizações políticas de então - a AIB mobilizaria categorias sociais excluídas do campo de representação política e, num certo sentido, representaria as esperanças revanchistas da oligarquia, sendo aniquilada pela emergência do Estado Novo (Miceli, 1979, p. XVIII).

Embora a análise promovida pelo autor seja interessante para se refletir a respeito de certos setores da AIB e suas pretensões políticas e culturais, ela não parece se adequar plenamente ao caso barrosiano. O cearense sofreu, de fato, com a ingerência política de Vargas nos empreendimentos culturais, já que, com a chegada do gaúcho ao poder, perdeu momentaneamente seu posto frente ao MHN. Não obstante, parece quase impossível colocá-lo como representante do espírito revanchista da oligarquia derrotada

em 1930: toda sua obra integralista parece ir na direção de uma crítica ferrenha às políticas da Primeira República conduzidas por essa mesma oligarquia, chamada por ele de “liberal”; ademais, se, por um lado, Barroso alimentava o louvor pelos bandeirantes, seu diagnóstico da oligarquia paulista de seu tempo era simplesmente tenebroso, de modo que ele, muito provavelmente o principal publicista antissemita da Era Vargas⁸, batizaria uma de suas obras como *A sinagoga paulista* (Barroso, 1937a). Também é relevante ressaltar que, diferentemente de alguns de seus companheiros de integralismo, o cearense nitidamente adotou uma conduta que lhe permitiu manter seus postos e influências diante da nova postura do Estado frente aos empreendimentos culturais, já que, a essa altura, seu cargo junto ao MHN já havia sido recuperado, nele permanecendo até sua morte, no final da década de 1950.

O próprio Miceli explica: se parte relevante dos intelectuais integralistas havia começado sua carreira às vésperas dos eventos de 1930, bacharéis livres e letrados que se encontrariam desorientados ante a carência de apoio político gerada pelo novo regime, Barroso pertenceria a um grupo diverso, o dos já mencionados anatolianos, sendo figura de prestígio político e cultural àquela altura. No entender do autor, o cearense, assim como outros integralistas mais experientes, seriam figuras interioranas oriundas de famílias tradicionais que teriam se mudado para a Capital Federal, inserindo-se em seus círculos dirigentes por expedientes tais quais o casamento e ingressando, ainda muito jovens, na Academia Brasileira de Letras (Miceli, 1979, p. 60).

Essa diferença geracional poderia ser explicada por certa expansão do ensino superior no Brasil. Durante boa parte da Primeira República, a Faculdade de Direito teria representado uma espécie de instância mais elevada no campo de produção ideológica, concentrando, em seu bojo, uma série de funções político-culturais. Trata-se de uma instituição que promoveria uma integração intelectual, política e moral a uma classe - a dos proprietários rurais - até então dispersa; ademais, teria um papel intermediador na importação da produção intelectual europeia e funcionaria como uma espécie de celeiro capaz de prover elementos aptos a “assumir os postos parlamentares e os cargos de cúpula dos órgãos administrativos, além de contribuir com o pessoal especializado para as demais burocracias, o magistério superior (Miceli, 1979, p. 35)⁹.

⁸ Além de trabalhos aqui já mencionados, é possível invocar, no que tange à questão do antissemitismo barrosiano, trabalhos como o de Araújo, *Os mercadores do mal: os Judeus na obra de Gustavo Barroso* (Araújo, 1979), Maio, *Nem Rothschild nem Trotsky: o pensamento anti-semita de Gustavo Barroso* (Maio, 1992), e Babinski, *Representações de ciência e tecnologia em Gustavo Barroso (1909-1935): nacionalismo autoritário, eugenia e antissemitismo* (Babinski, 2015).

⁹ As relações subjacentes à profissionalização de intelectuais e políticos no bojo das faculdades de direito são investigadas em obra seminal de Sergio Adorno, *Os aprendizes do poder*. Se o foco de Miceli encontra-se na Primeira República, Adorno preocupa-se com o período imperial, mais especificamente com os anos situados entre 1827 - quando se dá a criação da Faculdade de Direito de São Paulo, instituição que se encontra no cerne da investigação proposta pelo autor - e 1883, tempos de solidificação do liberalismo enquanto ideologia dos estratos sociais superiores e que teriam saído como vencedores do processo de independência (Adorno, 1988).

Barroso, que iniciou seus estudos jurídicos em sua Fortaleza natal, finalizando-os na então Capital Federal, conhecia muito bem esse ambiente, dele participando ativamente - um relato a respeito de suas experiências enquanto estudante de Direito no Ceará pode ser encontrado na obra biográfica *Consulado da China* (Barroso, 1941), batizada em referência à república estudantil na qual habitava. Embora o curso jurídico do Ceará, fundado em 1903, seja muito mais recente que os de São Paulo e Recife, os grupos do qual participava, os periódicos para os quais contribuía e os contatos estabelecidos corroboram o argumento de Miceli. A situação, no entanto, logo se alteraria: uma expansão nos cursos superiores e nas chamadas “faculdades-livres” (das quais a própria instituição cearense não deixa de ser um exemplo), principalmente a partir das facilidades legais estabelecidas em 1911, geraria um inflacionamento dos diplomas universitários. Assim, os bacharéis da geração posterior à de Barroso observaram uma ameaça de “desclassificação” social e profissional, desencadeando “a concorrência ideológica entre os intelectuais” e favorecendo “a adesão de muitos deles aos empreendimentos de ‘salvação’ política que então surgiram”, como o próprio integralismo¹⁰ (Miceli, 1979, p. 40)¹¹.

Sobre a questão do “liberalismo”, o autor lembra que a AIB se firmou “em meio ao esvaziamento da alternativa ‘liberal’, civil e burguesa que os grupos dirigentes paulistas não conseguiram empolgar” (Miceli, 1979, p. 191); além disso, os típicos intelectuais que constituiriam o estado-maior integralista, formados com a convicção de que sua geração definiria os rumos do país, tomariam “a República Velha como prova da liquidação do liberalismo”, gerando uma “disposição de se filiarem a soluções de teor espiritualista”

¹⁰ Na década de 1930, expandir-se-ia, também, a educação básica. O cearense e o integralismo como um todo teriam tirado partido de tal expansão, como notam Gonçalves e Amancio - invocando, assim como Beired, as ideias de Antonio Gramsci. Os autores acreditam que, a partir da atuação de Barroso junto ao movimento de Plínio Salgado, seria possível caracterizar a intelectualidade barrosiana como compatível com o conceito de intelectual orgânico formulado pelo italiano. Isso se manifestaria, por exemplo, no papel do cearense junto a escolas, como é o caso, na cidade mineira de Juiz de Fora, do Instituto Granbery da Igreja Metodista. Nessa instituição, o intelectual proferiu palestras ao longo dos anos de 1930, mostrando-se altamente influente e contribuindo para a disseminação do integralismo (Gonçalves; Amancio, 2010, p. 177). Assim, os referidos estudiosos entendem que, em tamanha transformação no universo escolar brasileiro, “esteve espelhado o movimento integralista, subsidiado por seus intelectuais, na tentativa de incorporar as necessidades do panorama brasileiro da década de 30, exaltando características peculiares de um movimento dos anos de 1930 através, sobretudo, da atuação de intelectuais orgânicos que como Gustavo Barroso, no núcleo dirigente do movimento político integralista, atuou na função organizativa do partido, na disseminação ideológica, na mediação das classes sociais envolvidas, na exaltação ao Estado Integral, na ambição hegemônica, na perspectiva gramsciana de intelectualidade” (Gonçalves; Amancio, 2010, p. 178).

¹¹ Essa dificuldade de situar o caso de Gustavo Barroso talvez tenha a ver com a existência de certa ambiguidade na obra de Miceli, que sugere uma mudança no mercado de postos intelectuais entre 1920 e 1945 responsável por alterar substancialmente a lógica da vida cultural brasileira, ao mesmo tempo em que essa mudança não parece ter força suficiente “para romper com as bases sociais tradicionais em que a vida cultural vinha se formando e continuava em medida significativa assentada naquele contexto de crise e transição social” (Bastos; Botelho, 2010, pp. 902 e 903). Não se trata do único caráter ambíguo das conclusões do autor. Pécaut, por exemplo, também vê ambiguidade na noção de “interesse” presente em Miceli, noção essa explicativa das estratégias dos intelectuais em sua relação com as forças do Estado. Para o francês, essa relação não revelaria a promoção dos interesses próprios dos intelectuais, sendo, na verdade, expressão de uma conversão à ação política. Miceli respondeu à crítica, acreditando que a visão de Pécaut privilegiaria as motivações políticas da presença dos intelectuais na sociedade em detrimento do componente classista (Bastos; Botelho, 2010, p. 909).

(Miceli, 1979, p. 191). Não há, portanto, conflito com as ideias expostas por Barroso a respeito de São Paulo.

Feita a contextualização histórica de Gustavo Barroso e de seu ofício intelectual, faz-se necessária uma análise concentrada na própria obra barrosiana. Trata-se do tema da próxima seção.

3 GUSTAVO BARROSO E A CONSTRUÇÃO DO MUNDO: OS INTELECTUAIS PROMETEICOS

Talvez seja interessante começar o percurso pelos escritos de Gustavo Barroso a partir de um breve texto de 1932, *Os Estados Unidos do Mundo*, publicado na *Fon-Fon*. A obra traz certa visão dos intelectuais como figuras proféticas, aquelas que anunciariam as realizações futuras da humanidade, ainda que, ao seu próprio tempo, fossem por ela ignoradas ou ridicularizadas. A reflexão parte de um comentário de Victor Hugo (1802-1885):

Referindo-se uma vez aos sonhos dos poetas e pensadores, dos quais a humanidade zomba, mas que acaba realizando, Victor Hugo dizia com espírito que, si alguém afirmasse que um ovo acabaria por ter asas, todos lhe cairiam em cima. Entretanto, o ovo, transformando-se em passaro, toma asas e vôa... (Barroso, 1932).¹²

O autor traz, então, ideias do romancista francês a respeito dos *Estados Unidos da Europa*, ferrenhamente defendidas na atuação do autor de *Os miseráveis* enquanto parlamentar. Embora, à sua época, tenham sido objeto de descrédito, tais ideias voltariam a florescer nos tempos de Barroso, passados quase cem anos de sua formulação original:

Ella se está processando. Primeiro, a semente lançada germina em alguns espiritos. Depois, a planta cresce e viceja na coletividade. Por fim, frutifica nas realizações praticas. Ainda não se completou um seculo que Victor Hugo profetizou os Estados Unidos da Europa e já essa idéa ganhou terreno de modo espantoso. Não são mais os poetas, os escritores e os filosofos que a discutem teoricamente, porem o espirito europeu que a acha imprescindivel e a reclama, forçando as chancelarias a coloca-la no terreno das reuniões internacionais e os estadistas de *primo cartello* a dela sinuosamente se ocuparem (Barroso, 1932).

Tendo em vista a devastadora guerra que afligiria a Europa poucos anos após o cearense ter escrito essas palavras, o parágrafo adquire conotações tragicamente irônicas. Contudo, trata-se de uma passagem interessante para a compreensão do entendimento do autor a respeito dos intelectuais e sua agência. Zombado por várias de suas ideias ao

¹²Nas citações diretas, optou-se pela manutenção da ortografia original da década de 1930 e, para que a fluidez da leitura não ficasse prejudicada, evitou-se o uso do *sic*.

longo de sua carreira, o comentário não deixa de ser uma resposta de Barroso a seus detratores; ao mesmo tempo, contudo, traz certo diagnóstico do grupo por ele constituído: enquanto “primos pobres” da oligarquia, ocupando papel importante no universo cultural brasileiro, mas alijados dos principais postos de comando efetivo - esses ocupados por seus parentes mais afluentes - os intelectuais parecem projetar suas realizações para o futuro. É neste mesmo futuro que se encontraria, também, sua glória e imortalização, ao passo que os políticos de sua época, por mais influentes que pudessem ser, seriam relegados a míseras notas de rodapé no livro da História - é o que se expressa, mais uma vez, a partir do comentário ao caso de Victor Hugo:

Grave lição dá, assim, o futuro, que agora é o nosso presente, áqueles pobres Montalabert, Molé, Haeckeren, Fontaine, Bauchar [parlamentares franceses que se opuseram a Hugo], capachos duma maioria parlamentar ocasional, mostrando-lhes como vivem as grandes ideias que os cerebros obtusos dos politiqueros réles, iguais na essencia moral aos ventres dos suinos, não são capazes de compreender (Barroso, 1932).

Num certo sentido, as ideias trazidas no texto a respeito de Hugo são desenvolvidas em publicações subsequentes na mesma *Fon-Fon*, ainda que de maneira breve. Um exemplo encontra-se no ano de 1935, quando, em uma coleção de aforismos publicada com o título de *Caixinha de surpresas*, Barroso defende que, para que haja uma efetiva transformação da sociedade, seria necessária a transformação dos próprios indivíduos: “[c]urem-se os indivíduos e conseguir-se-á a cura da sociedade. O que não é possível é curar a sociedade sem curar os indivíduos” (Barroso, 1935b). Assim, haveria certa necessidade de uma transformação que fosse, a princípio, íntima. Só a partir dela a transformação da realidade objetiva se tornaria possível: “[q]uando o homem passa do espírito do *dever por temor* ao espírito do *dever por amor* realizou no seu fôro íntimo a Grande Revolução que poderá projetar objetivamente na sociedade” (Barroso, 1935b). No mesmo sentido, em nova coleção de aforismos (*Notas dum velho político...*), afirma-se que os maiores inimigos do homem estariam dentro dele. Nessa última coleção, também aparecem elementos novos, com os quais Barroso, à época Secretário Nacional de Educação junto à AIB, deveria estar às voltas - e que, como afirmado anteriormente, não deixam de estar conectadas com a discussão a respeito do romancista francês. Se, para haver uma verdadeira transformação da sociedade, seria essencial que, antes, se mudasse o próprio indivíduo, mestres e guias - os intelectuais - deveriam orientar o tratamento das almas individuais, já que, como coloca o cearense “[c]ertos individuos armazenam muitos conhecimentos, mas o choque da vida pratica os misturam dentro de sua cabeça, de maneira que se torna dificil para êles escolher o que precisam nessa confusão...” (BARROSO, 1936a). Na vida moderna, os sujeitos encontram-se inundados de

informações e dedicados a ocupações extenuantes, de modo que o autor parece indicar a necessidade de uma figura capaz de realizar certa curadoria voltada à formação das almas. Daí a importância dos sábios fazerem parte da própria direção do Estado, vez que o conhecimento técnico de nada valeria quando apartado das funções de direção: “[d]o que serve haver técnicos e competentes em um Estado em que a direção geral de todos os negócios públicos está entregue a incompetentes?” (Barroso, 1936a). Contudo, é importante destacar que, não obstante a grande importância conferida por Barroso aos intelectuais, ele não deixa de fazer certas ressalvas, já que o intelectualismo político seria “um mal tão grande quanto a ausência de intelectualismo político” (Barroso, 1936a).

Num certo sentido, são questões sobre as quais Barroso já se debruçava em sua obra ficcional e nas análises que fazia em relação à Rússia e seu processo revolucionário. É o caso de um dos contos da coletânea *O bracelete de safiras, A rapariga de Kiev*, de 1931 (Barroso, 1931). O herói da narrativa, jovem militar muito afeito à leitura e aos estudos, empenha-se em reparar os males de um cruel general na Petersburgo de princípios do século XX. Embora o protagonista seja levado à ação pelas leituras que faz - e, portanto, pela influência “intelectual” -, há em seus atos algo de supérfluo: mesmo que tenha sido responsável por salvar a vida de algumas mulheres, vítimas do antagonista, ele não promove nenhuma transformação efetiva na realidade russa, que, como o próprio herói reconhece, cairia em estado ainda pior em um futuro próximo (a referência é, por óbvio, a Revolução Russa). Emula, com isso, o destino de Lorenzaccio, personagem homônimo de uma peça de Alfred de Musset (1810-1857) que ele lê ao longo do enredo.

Toda a narrativa parece se constituir como uma espécie de *cautionary tale*. Os livros e os intelectuais têm o potencial de transformar a realidade, uma vez que inspiram os jovens a agir. Contudo, quando essa inspiração não é sistemática, organizada e fruto de um esforço coletivo e bem direcionado, acaba por traduzir-se em ações supérfluas. Ou, até mesmo, leva a consequências nefastas que se apartam do intento original desses intelectuais, como Barroso explora em mais um artigo na *Fon-Fon, Gente perigosa* (1933). Nesse breve escrito, indica-se a Revolução de 1917 como diretamente decorrente da *intelligentsia* russa do século XIX; ao mesmo tempo, os bolcheviques seriam verdadeiros antípodas dessa *intelligentsia*, passando a persegui-la e exterminá-la. Em outras palavras, é possível dizer que os intelectuais influíram na história e levaram à constituição de uma nova realidade - essa, contudo, estaria muito distante daquilo que por eles fora idealizado e, ao final das contas, contra eles se volta (Barroso, 1933).

No *corpus* integralista do cearense, inaugurado no mesmo ano em que se publica *Gente perigosa*, tais preocupações são muito recorrentes. Em *Integralismo e Catolicismo*, de 1937, Barroso (1937b, p. 28) escreve a respeito de uma necessidade de “refundir o estudo, moralizá-lo, arujá-lo, afim de preparar gerações de outra espécie, capazes de trabalhar

pela grandeza do Brasil”, obra que só poderia ser realizada “por um grande movimento cultural”. Trata-se de uma transformação que passa pelo expurgo de ideologias daninhas, às quais a juventude acrítica e de pouca instrução poderia recorrer. Assim, sem capacidade de refletir, “sem gosto pelo esforço, sem escola de sacrifício, [os jovens] são facilmente pasto de ideologias baratas e trabalham pela própria escravidão, pensando que agem a pród de reivindicações das massas” (Barroso, 1937b, p. 28). Retomando a concepção do “choque”, da “mistura” de conhecimentos, o movimento cultural de massa (o integralismo, por óbvio) parece vir com o objetivo de orientar o jovem em direção a ideologias “benéficas” e que levariam à construção de um novo país, escamoteando aqueles que apenas o escravizaria. Daí, em *O Integralismo de Norte a Sul*, a conclamação que ele faz aos mestres:

A educação é a propria substancia da vida, sobretudo da sua parte espiritual. Assim, somente na escola verdadeiramente se póde modelar a sociedade. A educação traçará as nórmas mentais que configurarão a alma e os anélos da mocidade. A nação forma-se, portanto, estratifica-se nos bancos das aulas e, mais do que a nação, mais amplo do que ela, o proprio espirito duma época. Daí a gravissima responsabilidade que pesa sobre os ombros dos que educam a juventude. Êles teem deante de si um terreno virgem e adubado de entusiasmo juvenil, no qual germina viçosamente o que plantarem, o bem ou o mal, a coragem de afirmar ou o mêdo da negação, raizes que durarão toda a vida e que, mêsmo arrancadas, deixarão a profunda marca de sua existencia. Cuidado, pois, ó mestres, com a qualidade das sementes que ides semear! Se elas fôrem as da dúvida ou as da destruição, vosso crime é o maior de todos os crimes, porque é o envenenamento consciente do futuro! (Barroso, 1934, p. 109-110)¹³.

No mesmo sentido vão suas considerações em relação à Rússia revolucionária e sua alardeada caça aos intelectuais, o que remete a preocupações levantadas em *Gente perigosa*. O comentário não deixa de vir acompanhado de elementos antissemitas:

[A Rússia revolucionária] E', pois, uma civilização que prega o desaparecimento dos intelectuais. Prega e realiza o que prega. Êsse desaparecimento empobrecerá de modo muito sensível a humanidade, tornando-a sem direção, sem guias, sem educadores e esclarecedores. Mais facilmente, assim ela poderá ser reduzida á escravidão pelo poder secreto

¹³ A valorização dos educadores aponta para o fato de que, num certo sentido, Barroso parece sugerir uma valorização dos *intelectuais mediadores*. Cabe dizer que vários aspectos da atuação do cearense na década de 1930 - e, também, em outros momentos da sua vida - associam-se à mediação cultural, seja na *Fon-fon*, no MHN ou na própria AIB, em que atuava como Secretário Nacional de Educação. Sobre o papel dos intelectuais como mediadores culturais, a obra de referência é *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*, volume organizado por Angela de Castro Gomes e Patricia Santos Hansen (Gomes; Hansen, 2016). Note-se que as organizadoras não compreendem esses mediadores como figuras que nada acrescentariam ao que é transmitido, que não agregariam “valor ao produto cultural em questão” (Gomes; Hansen, 2016, p. 16), em contraste com os “inventores”. Para elas - numa análise que aqui é corroborada - tal dicotomia hierarquizante seria empobrecedora.

judaico que se apoderou das manivelas de direção do mundo (Barroso, 1936b, p. 12).

O alerta em relação à Rússia serve como espécie de reforço para o argumento barrosiano de que a transformação deveria ser, a princípio, interior - e que o intelectual orientaria -, possibilitando, em seguida, a transformação da realidade objetiva, já que os *fatores espirituais* seriam os que mais influenciariam “no destino das nações” e evitariam a barbárie observada entre os eslavos (Barroso, 1934, p. 92). Tal concepção, além de fazer coro aos aforismos publicados na *Fon-Fon*, é trabalhada em vários dos escritos integralistas compostos pelo cearense. É o caso de *A palavra e o pensamento integralista*, em que Barroso se refere a uma:

Revolução subjetiva ou interior, feita dentro de nós, de nossa compreensão da vida, de nossa alma, de nosso eu, essa não tem praias que a limitem, porque ela pode tornar o maior dos criminosos um homem de bem e conduzi-lo até á santidade. Foi a Revolução que se operou nos corações pagãos na prégação do cristianismo e que levou os mártires a enfrentarem, sorrindo, no circo, os carrascos e as feras. E' dela que decorre a outra, a que se projetar fatalmente no cenário político, social e económico do país, mais dia, menos dia, inexoravelmente, inludivelmente, quer queiram ou não queiram presidentes de República, congressos, interventores, judeus internacionais e seus capangas intelectuais (Barroso, 1935a, p. 131-132).

Assim, a revolução integralista avançaria por uma conquista pacífica das almas, “[p]rimeiro, com a doutrina; segundo, com o exemplo” (Barroso, 1936b, p. 34). Nota-se que a capacidade algo prometeica do ser humano para moldar e transformar o mundo é um ponto recorrente nesses escritos, com os intelectuais, semeadores da Revolução Interior, tendo um papel muito mais significativo do que os agentes políticos convencionais, vez que o processo de transformação espiritual seria inexorável e ineludível, não podendo ser parado pelo Presidente da República ou pelo Congresso. Em *Espírito do século XX*, o autor reafirma o predomínio do homem sobre as leis naturais, o que se daria pela força “do livre-arbitrio, da razão, da vontade, da inteligência, modificando a causalidade com a sua interferencia” (Barroso, 1936b, p. 193). Ela encontra-se presente, também, na obra que inaugura a produção doutrinária do cearense, *O integralismo em marcha* (1933). Nesse escrito, o ser humano é descrito como “uma das potencias do mundo, destinada a dominar a natureza inferior pela inteligência, modificando-a, harmonizando elementos, coordenando e aplicando energias naturais psíquicas, de modo a integralizar-se numa evolução constante e superior” (Barroso, 1936c, p. 24). É necessário, contudo, que se faça a ressalva de que essa agência humana não se encontra apartada da Providência, de modo que o livre-arbitrio e a predestinação existiriam, “contrarios e contingentes”, isso é, “sem que o primeiro seja unico e dominante

como querem os que levam o espiritualismo ao exagero, sem que o segundo também assim o seja como entendem os exagerados do materialismo” (Barroso, 1936c, p. 21). Continua o autor:

Acima da ação determinista da natureza e da liberdade condicional da volição, brilha o principio superior que o encaminha, lei imanente e eterna da sabedoria e da moral, Providencia que, através da sucessão de fórmulas do tempo, o levará á perfeição. Encarando a sociedade, os deistas só vêm um principio - Deus; os racionalistas, um - a vontade humana; os marxistas, um - o imperio das chamadas leis naturais. Nós vemos os tres, damos a cada qual o seu valor e integralizamo-os numa sintese social (Barroso, 1936c, p. 25).

Essas considerações sobre as forças interiores do homem capazes de se impor e transformar o meio talvez pudesse indicar um afastamento de Barroso frente a certa tradição determinista cearense, expressa em romances como *Luzia-homem* (1903). Contudo, ao se analisar o prefácio barrosiano à obra de Domingos Olímpio¹⁴, constante na segunda edição do escrito, publicada em 1929 - e, portanto, vindo à luz apenas um ano antes do início do período que aqui se aborda -, percebe-se que a posição do acadêmico é mais ambígua. Barroso identifica no autor certos contrastes característicos de sua personalidade, dividida entre o regionalismo sertanejo e a tumultuaria apaixonada das cidades. Segundo o diretor do MHN, triunfaria, ao final, o sertanismo, “felizmente para Domingos Olympio, e felizmente para nós” (Barroso, 1929, p. 7). A descrição que o futuro integralista faz da obra mais conhecida de seu contemporâneo é de grande teor laudatório:

Publicou “Luzia-Homem”, sua obra-prima, romance realista, cruamente realista mesmo, com admiráveis lances tragicos, de estylo claro, de linguagem vibrante, em cujos fundos de paisagens sertanejas as figuras se movem virilmente recortadas, de entrecho rude como o proprio meio em que se passa, com inesqueciveis e inapagaveis traços de psychologia, e nas suas paginas o “sertão tostado como terra de maldição ferida pela ira de Deus” se alonga sob a soalheira da seca impiedosa, como si a gente o estivesse vendo. Outros terão descripto tão bem, nenhum, penso eu, descreveu melhor a alma, a terra, o soffrimento e a immensa luz do meu pobre Ceará. E é por isso que o romance “Luzia-Homem” se ergue como um pharol ao meio da obra litteraria de Domingos Olympio, iluminando-a toda com a sua claridade transbordante (Barroso, 1929, p. 11).

Os principais elementos que Barroso parece indicar na obra são seu caráter algo

¹⁴ Esse prefácio, escrito no final da década de 1920, já trazia elementos caros à atuação de Barroso nos anos 30. Ele menciona, por exemplo, que “a nulidade publica, cacarejante, constante e infinita dos políticos odeia profundamente os que escrevem livros”, pois a glória das obras literárias seria “a maior de todas as glorias” (Barroso, 1929, p. 15).

trágico - elemento que perpassa muito do *corpus* barroso -, a vívida evocação da sina cearense e as figuras rudes como o próprio meio. Conforme discutido anteriormente, nota-se que, muito embora a compreensão prometeica que Barroso tem da agência humana pareça não se alinhar com essa perspectiva determinista, também é possível aventar que a agência, para Barroso, é circunscrita em termos de classe e raça. Ao intelectual urbano, como se vê na discussão a respeito da *intelligentsia* na *Fon-fon* e nas obras integralistas, ou ao heroico senhor de terras, presente em escritos como o romance *O santo do brejo* (1933), ela é possível. Já o sertanejo, principalmente o sertanejo negro, quando não subordinado às virtudes de um bom amo católico e de origem portuguesa, se torna uma figura rude e quase animalesca. Ou, caso objeto da influência de figuras não cristãs, como os judeus, elementos nefastos de desordem e desunião. São aspectos presentes no já referido romance e, também, na série historiográfica *História secreta do Brasil*, iniciada em 1936.

Cabe mencionar, ainda, que o *corpus* doutrinário também traz a ideia de que a vitória dos intelectuais, assim como no caso de Hugo, seria remota. Tal crença vem acompanhada de um comentário segundo o qual a *intelligentsia* agiria sem se preocupar com cargos políticos, dos quais Barroso parece desdenhar como algo menor frente aos louros merecidos pelos seus pares. Num certo sentido, tal atitude diz muito sobre como esse grupo se entendia e remonta a alguns pontos analisados por Miceli e aqui já explorados, ainda que de maneira breve. Eis as palavras do cearense em *O integralismo em marcha*: “[a] nós próprios, simples pregadores de ideias sem mirar cartórios ou comissões na Europa, que nos importa demore ou venha logo a vitória do nosso credo, se a acreditamos certa, matemática?” (Barroso, 1936c, p. 67).

Percebe-se, pois, a convivência de uma crença na vitória “certa” e “matemática” dos intelectuais com uma leitura mais nuançada e trágica, exposta em textos como *Gente perigosa*.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gustavo Barroso, um intelectual anatóliano, parente pobre da oligarquia de seu estado, tinha em alta conta o poder de transformação que os intelectuais poderiam exercer sobre o mundo. Tal poder, inclusive, parece, em seus escritos, ser superior ao dos políticos profissionais e ocupantes dos cargos de maior poder efetivo do corpo estatal - os representantes mais abastados das oligarquias -, cujos nomes estariam relegados ao esquecimento. Guia em uma transformação interior do indivíduo que, assim concretizada, se espalharia para a realidade objetiva, a *intelligentsia* aparece como uma espécie de Prometeu, pronto a ajudar a humanidade em dominar seu fogo interior e

domar a natureza que a circunda. Por vezes, esse *ethos* prometeico parece invencível e inescapável. Em outras situações, contudo, ele adquire contornos trágicos, já que, como a Revolução Russa revelaria, o mundo imaginado - e construído - pelos intelectuais poderia muito bem se voltar contra ele, assumindo feições terríveis e que lhes seriam odiosas. Um fator que não pode ser ignorado é o do reconhecimento de que os escritos dos eslavos são partes constituintes, fundadoras até, da nova sociedade soviética. Barroso, ele próprio envolto, ao longo de sua trajetória, com uma atividade intelectual e política que buscava uma transformação da realidade – o seu “sonho verde” – não poderia deixar de se sentir maravilhado com o caso russo; ao mesmo tempo, como *Gente perigosa* bem o mostra, as transformações sociais provocadas pelas ideias da *intelligentsia* russa fugiram ao seu controle, de modo que o autoritarismo stalinista a teria perseguido de maneira não menos cruel do que a autocracia czarista contra a qual se insurgira. Não temeria o fundador do Museu Histórico Nacional, autor, a essa altura, de meia centena de livros e um número incontável de artigos na imprensa, que suas próprias ideias fugissem a seu controle e inspirassem transformações sociais que lhe seriam detestáveis? São problemáticas que certamente afetariam o cearense em sua atuação enquanto Secretário Nacional de Educação da AIB.

Contudo, com a ruptura do movimento com o governo ditatorial varguista e as prisões (inclusive a do próprio Barroso) que se seguiram à frustrada tentativa de golpe por parte dos integralistas, os escritos do autor abandonam o heroísmo, assumindo um tom muito mais resignado e melancólico. Isso fica muito claro na trilogia de relatos autobiográficos escritos pelo autor entre o final da década de 30 e o início da seguinte, formada por *Coração de Menino* (1939), *Liceu do Ceará* (1940) e *Consulado da China* (1941). Trata-se de um registro no qual as potencialidades do homem não despertam para uma ação transformadora, mas, sim, restam desperdiçadas e amarguradas. No mesmo 1941 em que Barroso publica o último volume da trilogia, Mário de Andrade trata, no ensaio *Elegia de abril*, do tipo “fracassado” que vinha tomando conta da ficção brasileira. Trata-se de um “herói novo”, o “protagonista sintomático de muitos dos nossos melhores romancistas atuais”:

em nossa literatura de ficção, romance ou conto, o que está aparecendo com abundância não é este fracassado derivado de duas forças em luta, mas a descrição do ser sem força nenhuma, desfibrado, incompetente para viver, e que não consegue opor elemento pessoal nenhum, nenhum traço de caráter, nenhum músculo como nenhum ideal, contra a vida ambiente. Antes, se entrega à sua conformista insolubilidade (Andrade, 1974, p. 189-190).

O autor enumera exemplos, entre “caipiras” e “cultos”. Dentre esses últimos, categoria na qual Barroso se encaixaria melhor, há Carlos, o protagonista de José Lins do

Rego (1901-1957) para seu *Ciclo da Cana de Açúcar*, além do herói de *Angústia*, obra prima composta por Graciliano Ramos (1892-1953). Isso apenas para que se fique nos exemplares mais célebres, capazes de indicar que “existe em nossa intelectualidade contemporânea a pré-consciência, a intuição insuspeita de algum crime, de alguma falha enorme, pois que tanto assim ela se agrada de um herói que só tem como elemento de atração” a fragilidade e o conformismo (Andrade, 1974, p. 191).

Mário de Andrade acredita que, antes de se manifestar na prosa, tal sentimento de desistência se encontrava presente já na poesia, cujo exemplar mais óbvio aparece no *Vou-me embora pra Pasárgada* de Manuel Bandeira (1886-1968). O modernista paulista coloca, então, uma interessante e relevante questão:

Se o complexo de inferioridade sempre foi uma das grandes falhas da inteligência nacional, não sei se as angústias dos tempos de agora e suas ferozes mudanças vieram segredar aos ouvidos passivos dessa mania de inferioridade o convite à desistência e a noção do fracasso total. E não é difícil imaginar a que desastrosíssima incapacidade do ser poderá nos levar tal estado-de-consciência. Toda esta literatura dissolvente será por acaso um sintoma de que o homem brasileiro está às portas de desistir de si mesmo? (Andrade, 1974, p. 191).

Gustavo Barroso não sairia da cena intelectual e cultural brasileira, de modo que o fim do integralismo, embora tenha representado um ponto baixo em sua trajetória, de nenhum modo colocou fim à sua carreira. Ele continuaria escrevendo e publicando obras no âmbito do romance, do teatro, do conto, da poesia, da historiografia e, em que tem um legado particularmente relevante, da museologia. Investigar essas produções e situá-las nas estratégias de reinvenção que ele e muitos outros intelectuais adotaram com o advento do Estado Novo e, posteriormente, com o fim da Era Vargas, é tarefa que, decerto, traria muitos proveitos, bem como a investigação, em textos barrosianos das décadas de 1940 e 1950, da posição do cearense frente à questão do fracasso, como apontado por Mário de Andrade. Foge, contudo, do período delimitado para este trabalho.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Sergio. **Os aprendizes do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

AMANCIO, V. A. L.; GONÇALVES, L. P. Intelectualidade e ideologia: Gustavo Barroso e o Integralismo em Juiz de Fora. **CES Revista**, v. 24, Juiz de Fora, 2010.

ANDRADE, M. Elegia de Abril (1941). In: **Aspectos da Literatura Brasileira**. São Paulo: Livraria Martins, 1974.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. **Os mercadores do mal: os judeus na obra de Gustavo Barroso**.

Documento de Trabalho do CPDOC/FGV, maio, 1979.

BABINSKI, Karla de Souza. **Representações de ciência e tecnologia em Gustavo Barroso (1909-1935): nacionalismo autoritário, eugenia e antissemitismo**. 2015. 94 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

BARROSO, Gustavo. **A palavra e o pensamento integralista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935a.

BARROSO, Gustavo. **A Sinagoga paulista**. Rio de Janeiro: Editora ABC, 1937a.

BARROSO, Gustavo. Bibliotecas Rotaryanas. **Fon-Fon**, ano XXIV, n. 2. Rio de Janeiro, 11 de jan. 1930.

BARROSO, Gustavo. Caixinha de surpresas. **Fon-Fon**, ano XXIX, n. 19. Rio de Janeiro, 11 de mai. 1935b.

BARROSO, Gustavo. **Coração de menino**. Rio de Janeiro: Getúlio M. Costa, 1939.

BARROSO, Gustavo. **Consulado da China - 3º volume de "Memórias"**. Rio de Janeiro: Edit. Getúlio Costa, 1941.

BARROSO, Gustavo. Estados Unidos da Europa. **Fon-Fon**, ano XXVI, n. 30. Rio de Janeiro, 30 de jan. 1932.

BARROSO, Gustavo. Gente Perigosa. **Fon-Fon**, ano XXVII, n. 30. Rio de Janeiro, 29 de jul. 1933.

BARROSO, Gustavo. **Integralismo e Catolicismo**. Rio de Janeiro: Empresa Editora ABC Limitada, 1937b.

BARROSO, Gustavo. **Liceu do Ceará**. Rio de Janeiro: Getúlio M. Costa, 1940.

BARROSO, Gustavo. Notas dum velho político.... **Fon-Fon**, ano XXX, n. 12. Rio de Janeiro, 31 de mar. 1936a.

BARROSO, Gustavo. **O bracelete de safiras**. Rio de Janeiro: Editora Americana, 1931.

BARROSO, Gustavo. **O Espírito do Século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936b.

BARROSO, Gustavo. **O Integralismo de Norte a Sul**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1934.

BARROSO, Gustavo. **O Integralismo em marcha**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936c.

BARROSO, Gustavo. Prefácio. *In*: OLÍMPIO, Domingos. **Luzia-homem**. Rio de Janeiro: Editora Castilho, 1929.

BASTOS, Elide Rugai; BOTELHO, André. Para uma sociologia dos intelectuais. **Dados**, v. 53, n. 4,

2010, pp. 889-919.

BEIRED, J. L. A função social dos intelectuais. In: AGGIO, A. (org.). **Gramsci: a vitalidade de um pensamento**. São Paulo: Unesp, 1998, p. 121-132.

BIANCHI, A. O conceito de intelectual. **Esquerda Online**, 2013. Disponível em: <<https://esquerdaonline.com.br/2013/12/14/o-conceito-de-intelectual/>>. Acesso em 11 de mar. de 2024.

BORTOLUCI, José Henrique; JACKSON, Luiz; PINHEIRO, Fernando. Contemporâneo clássico: a recepção de Pierre Bourdieu no Brasil. **Lua Nova**, São Paulo, n. 94, p. 217-254, 2015.

COUTINHO, A. Gustavo Barroso. In: ABREU, A. A. ET AL. (org.). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-1930**. Rio de Janeiro: Ed. FGV/CPDOC, 2001.

CYTRYNOWICZ, Roney. **Integralismo e anti-semitismo nos textos de Gustavo Barroso na década de 30**. 1992. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade de São Paulo. São Paulo, 1992.

DANTAS, Elynaldo Gonçalves. **Gustavo Barroso, o führer brasileiro: nação e identidade no discurso integralista barrosiano de 1933-1937**. 2014. 155 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia S. (Org.) **Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GONÇALVES, C. Exclusões do cânone: Gustavo Barroso e o pré-modernismo brasileiro. **MOARA – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras (UFPA)**, n. 39, p. 261-277, 2013.

LIMA, Marcelo Alvez de Paula. **Em Guarda Contra as Altas Finanças: o Pensamento de Gottfried Feder e Gustavo Barroso em Perspectiva Comparada (1919-1939)**. 2017. 244 f. Dissertação (Mestrado em História Econômica) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

LÖWY, Michael. **A evolução política de Lukács: 1909-1929**. Tradução de Heloísa Helena A. Mello e Agostinho Ferreira Martins. São Paulo: Cortez, 1998.

LUKÁCS, György. **História e consciência de classe: Estudos sobre a dialética marxista**. Tradução de Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MAGALHÃES, Aline Montenegro. A Inspetoria de Monumentos Nacionais do Museu Histórico Nacional e a proteção de monumentos em Ouro Preto (1934-1937). **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, [S. l.], v. 25, n. 3, p. 233-290, 2017. DOI: 10.1590/1982-02672017v25n0308. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/146199>. Acesso em: 18 abr. 2022.

MAGALHÃES, Aline Montenegro. **Troféus da Guerra perdida: Um estudo histórico sobre a escrita de si de Gustavo Barroso**. 2009. 304 f. Tese (Doutorado em História Social). Universidade



Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

MAIO, Marcos Chor. **Nem Rotschild nem Trotsky: o pensamento anti-semita de Gustavo Barroso**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

MICELI, S. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

MICELI, S. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)**. Rio de Janeiro: Difel, 1979.

RAGO FILHO, Antonio. **A crítica romântica a miséria brasileira: o integralismo de Gustavo Barroso**. 1989. 443 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1989.

SILVA, Regina Cláudia Oliveira da. **A ação educacional e o legado cultural de Gustavo Barroso para a moderna museologia brasileira**. 2014. 308 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

Título em inglês:

**INTELLECTUALS IN THE WORKS OF GUSTAVO
BARROSO: BETWEEN AGENCY AND TRAGEDY (1930-1937)**